

Os movimentos migratórios e os discursos dos media

Francine Oliveira*

Resumo

Este artigo tem como intuito apresentar uma reflexão e alguns resultados de uma investigação acerca dos discursos sobre os movimentos migratórios apresentados no jornal *Público* durante um ano. O objetivo do estudo foi verificar se havia formas discursivas diferenciadas na cobertura que esse jornal fez da temática migratória. Para a análise inspirámo-nos em alguns conceitos da Análise Crítica do Discurso (ACD), de Teun van Dijk. Verificámos que, naquele ano, ao retratar os movimentos migratórios, os discursos proferidos variavam consoante eram os atores envolvidos e o destino dos fluxos migratórios (migrações de e para Portugal, migrações externas de e para outros países). O jornal referiu-se ao emigrante português prioritariamente como ‘explorado’, ‘vitimizado’, e sujeito às dificuldades laborais no estrangeiro. O imigrante em Portugal foi recorrentemente retratado de forma neutral. Ao abordar a imigração, a questão laboral nem sempre esteve explícita porém geralmente surgia subentendida no discurso. O imigrante foi frequentemente referido como ‘indocumentado’ e relacionado a situações de ‘irregularidade’. Contudo, a seu respeito foi proferido um discurso suavizado, longe de ser agressivo ou frontal. O migrante não português em outras partes do mundo, foi tendencialmente associado à clandestinidade e ilegalidade. As suas atividades laborais surgiram como ações ‘impostas’ ou ‘forçadas’ por eles próprios. Esses migrantes eram apresentados como ‘invasores’ pouco aceites pelos nacionais dos países aos quais se destinavam.

Palavras-chave: imprensa portuguesa, imigração, emigração, migrações externas.

Abstract

This article aims to discuss some results of a research about the discourse on migration presented in the newspaper *Público* during a year. The aim of this study was to verify the different discursive forms in the newspaper coverage that made the theme of migration. For the analysis we drew on some concepts of Critical Discourse Analysis (CDA) of Teun van Dijk. We found that, portraying the migration, the speeches varied between stakeholders and the destination of migration flows (migration to and from Portugal, and external migration to other countries). The newspaper referred to the Portuguese emigrant primarily as ‘exploited’, ‘victimized’ and subject

* Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade (CECS), Universidade do Minho, francineor@yahoo.com.br

to the difficulties working abroad. The immigrant in Portugal was often referred to as ‘undocumented’ and related to situations of ‘irregularity’. However, about the immigrant, most of the times, there was a subtle discourse. The non-Portuguese migrants in other parts of the world, has tended associated underground and lawlessness. Their actions emerged as work activities ‘imposed’ or ‘forced’ by themselves. These migrants were presented as ‘invaders’, little accepted by nationals of the countries to which they were intended.

Keywords: Portuguese press, immigration, emigration, migration flows.

1. Introdução

Este artigo apresenta reflexões resultantes da análise das peças jornalísticas publicadas no jornal *Público* no ano de 2004 que abordavam a temática dos movimentos migratórios. Para este estudo¹ foram recolhidas todas as peças que fizeram menção à imigração em Portugal, à emigração dos portugueses e às migrações de não portugueses em outros países.

O nosso objetivo foi o de identificar se no discurso jornalístico do jornal *Público* existiam formas distintas de abordar o tema das migrações consoante a matéria tratada (imigração, emigração e migração externa não relacionada a Portugal nem aos portugueses). O critério que presidiu à escolha do *Público* foi o seu estatuto de jornal de referência (Livro de Estilo do Público, [1997] 2005), preenchendo o requisito de ser um jornal de qualidade e credibilidade.

O nosso objetivo foi o de identificar se no discurso jornalístico do jornal *Público* existiam formas distintas de abordar o tema das migrações consoante a matéria tratada (imigração, emigração e migração externa não relacionada a Portugal nem aos portugueses). O critério que presidiu à escolha do *Público* foi o seu estatuto de jornal de referência (Livro de Estilo do Público, [1997] 2005), preenchendo o requisito de ser um jornal de qualidade e credibilidade.

Estudos anteriores, relativos ao contexto nacional, nomeadamente os de Isabel Ferin Cunha (2003, 2004, 2006), Francisco Rui Cádima (2003), e os relativos ao contexto internacional, nomeadamente os de Teun van Dijk (1988a, 1988b) demonstram que os *media* tratam a temática da imigração de forma polarizada, estabelecendo uma clara distinção entre o “Nós” e os “Outros”. Tal sucede na imprensa escrita, nomeadamente a da referência, que comumente apresenta um discurso elitista (político, académico, legal, económico, etc.).

¹ Neste artigo apresentaremos alguns itens analisados e os resultados obtidos a partir da investigação realizada no âmbito do mestrado em Ciências da Comunicação, área de especialização em Informação e Jornalismo pela Universidade do Minho.

Como observou Pinto-Coelho (in van Dijk, 2005: 8-9), van Dijk ao centrar-se nos estudos do texto, da fala institucional e do discurso da elite, nomeadamente na imprensa, nos manuais escolares, nos debates parlamentares e no discurso corporativo, identificou semelhanças recorrentes entre esses discursos. Van Dijk percebeu que para além dos estereótipos e preconceitos ideológicos havia estereótipos textuais na forma que esses discursos descreviam as minorias e as relações étnicas. Percebeu ainda que no texto e na fala há uma auto-apresentação positiva em contrapartida a uma apresentação negativa do outro. Isto significa que “as elites se apresentam sempre a si mesmas como tolerantes e modernas negando, ou pelo menos mitigando, o ‘nosso’ racismo, ao mesmo tempo que se focalizam nas características negativas dos outros” (Pinto-Coelho in van Dijk, 2005: 9).

Os discursos que assumem uma visão polarizada são responsáveis pela propagação de posturas enviesadas, como por exemplo o racismo (van Dijk, 1997, 1999, 2005). Geralmente, essa atitude surge de forma implícita, velada e subtil (Vala, 1999; Vala, Brito & Lopes, 1999, Cabecinhas, 2002; Lima & Vala, 2004).

Diversos estudos de cariz sociológico e histórico foram desenvolvidos com o intuito de fornecer uma melhor compreensão do fenómeno da emigração portuguesa. Para Baganha & Góis (1999: 242-243), [a] maioria destes estudos vincula a questão laboral à emigração dos portugueses. Alguns dos estudiosos afirmam que a dualidade da sociedade portuguesa e as flutuações da estrutura económica nacional eram as principais causas do fluxo migratório das décadas de 60 e 70. Durante a década de sessenta o país vivia uma crise profunda. A estrutura produtiva apresentava uma elevada taxa de desemprego e existia subemprego nos sectores artesanal e agrícola. Estes fenómenos provocaram um desejo nos portugueses de encontrar uma alternativa à vida em Portugal.

Baganha & Góis (1999) identificam três fases do processo de emigração portuguesa, sendo o primeiro ciclo vivenciado ao longo do século XIX, prolongando-se depois dos anos 60 do século passado. O segundo ciclo inicia-se nos anos 50, sofre retração em 1974. Este ciclo teve uma emigração bastante intensa, tendo uma dimensão maior do que a do ciclo anterior. Os emigrantes destinavam-se prioritariamente para países europeus, nomeadamente a França e Alemanha. O terceiro ciclo inicia-se por volta de 1985 e ainda estava em curso em 2004. Neste ciclo o destino preferencial dos emigrantes eram os países como a Suíça e a Alemanha.

Relativamente à imigração em Portugal, segundo Cunha, Policarpo, Monteiro & Figueiras (2002) dois principais fatores provocaram os movimentos migratórios para Portugal: o fim do império colonial português e o conseqüente processo de descolonização e desmobilização de contingentes humanos aí fixados; por outro lado, o referido processo de adesão ao espaço Comum Europeu e construção da União Europeia. Segundo diversos autores podemos identificar três fases de fluxo de entrada de imigrantes em Portugal. O primeiro fluxo, nos anos 60, trabalhadores, maioritariamente cabo-verdianos, que chegaram a Portugal com o objetivo de suprir a carência de mão-de-obra no sector das obras públicas e da construção civil, provocada pela emigra-

ção, para a Europa de Norte e para a América, dos portugueses. O segundo fluxo tem início em 1974, por altura do 25 de Abril, com o processo de descolonização. Nesta altura chegaram a Portugal cerca de 800 000 repatriados ou ‘retornados’. O terceiro e último fluxo inicia-se a partir dos anos 80 e é constituído maioritariamente por mão-de-obra não qualificada.

2. A escolha pelo período analisado

O ano 2004 foi um ano repleto de acontecimentos ligados às questões migratórias tanto em Portugal como no mundo. Naquele ano, houve acontecimentos polémicos como por exemplo uma acusação de xenofobia em França que suscitou muita discussão após haver uma alegada acusação de que magrebinos teriam ‘atacado’ uma francesa por ela ser judia². Esta notícia despoletou uma grande discussão que repercutiu em vários meios de comunicação social por todo o mundo. A polémica gerou uma onda detrouxe à tona questões relacionadas ao xenofobismo. Porém, mais tarde veio a ser concluído que a ‘agressão’ não era verídica, causando um grande embaraço e muitas contestações debate na sociedade francesa. O assunto também Este acontecimento transbordou novamente paravoltou a ser tema dos meios de comunicação *socialmedia* internacionais uma vez que o xenofobismo já havia sido amplamente discutido após a exaustiva após a divulgação da falsa acusação³.

Pelo mundo, houve ainda muita uma acesa discussão e polémicas por conta de uma nova Lei de Imigração a ser implantada na Europa e nos EUA. Controvérsias arrastaram-se por causa das propostas de quotas cotas de entrada nesses países e da criação dos ‘centros de acolhimento’ espalhados pela Europa. Estes ‘centros de acolhimento’ propunham ‘abrigar’ migrantes ‘ilegais’ enquanto estes aguardavam para regressar aos seus países de origem. No entanto, os centros apresentavam estruturas físicas muito próximas às dos estabelecimentos prisionais, o que gerou uma grande discussão um intenso debate envolvendo questões sobre os direitos humanos.

Outro assunto presente foi sobre as tentativas de entradas ‘clandestinas’ por parte de migrantes em vários países desenvolvidos, com particular destaque para os países da Europa como Holanda, Espanha e Itália.

Em Portugal, houve um conjunto de acontecimentos relevantes, nomeadamente a discussão e aprovação de diplomas relacionados às políticas de imigração, e discussão sobre as cotas quotas de entrada de imigrantes brasileiros com autoriza-

² Conforme foi noticiado em: ‘Magrebinos atacaram francesa por pensarem que era judia’, notícia de 12 de julho de 2004, autoria de Sandra Silva Costa; ‘Ataque anti-semita gera onda de emoção em França’, 13 de julho de 2004, autoria de Ana Navarro Pedro.

³ Conforme foi noticiado em: ‘Agressão anti-semita no metro de Paris nunca terá existido’, 14 de julho de 2004; ‘Embaraço e polémicas em França com inventada agressão anti-semita’, 15 de julho de 2004; ‘As desculpas dos jornais’, 15 de julho de 2004, as três peças de autoria da jornalista Ana Navarro Pedro.

ção de trabalho e a regularização de brasileiros ao abrigo do Acordo Lula, que havia sido aprovado em 2003.

Relativamente aos emigrantes portugueses, ao longo de 2004 apareceram surgiram bastantes muitas notícias sobre as 'explorações laborais' vividas pelos trabalhadores portugueses que os trabalhadores portugueses sofriam no estrangeiro e as suas dificuldades de adaptação. deles no estrangeiro. Houve relatos de 'ataques' às comunidades portuguesas (por exemplo em *Portadown*).

Portanto, no ano de 2004 o tema dos movimentos migratórios esteve bastante presente no jornal *Público* surgindo em 322 peças.

3. A escolha da metodologia de análise

Para analisar os textos selecionados as peças do jornal *Público* correspondentes aos movimentos migratórios, inspirámo-nos no quadro teórico e metodológico fornecido pela Análise Crítica do Discurso (ACD), mais especificamente na obra de Teun van Dijk (1990, 1997, 2005) e em alguns estudos de caso sobre a imprensa escrita realizados pelo mesmo autor dada a sua relevância para os estudos acerca desta temática.

Ao elegermos a Análise Crítica do Discurso como base conceitual e metodológica para a análise e reflexão do estudo tivemos em conta que a proposta da ACD em estudar um tema, partia da recusa em realizar a investigação com neutralidade (van Dijk, 1997: 15). A ACD considera a linguagem como prática social e ideológica, e vê a relação dos interlocutores como contextualizada por relações de poder, dominação e resistência institucionalmente constituídas.

Para van Dijk (1999: 18), o discurso tem um papel específico, entre outras práticas sociais, na reprodução das ideologias. Ainda que os discursos não sejam as únicas práticas sociais baseadas na ideologia, são efetivamente as fundamentais na sua formulação e, portanto, na sua reprodução social (1999: 19). O autor ressalta ainda que a análise do discurso está relacionada de um modo múltiplo com a descrição cognitiva e social. Ou seja, os significados do discurso, as inferências, as intenções e muitas outras propriedades e processos da mente estão intimamente ligados a uma descrição adequada do texto e da conversação. É necessário ter em consideração que, também com frequência, as representações sociais, as relações sociais e as estruturas sociais constituem-se, constroem-se, validam-se, normalizam-se, evoluem e legitimam-se através do texto e da fala.

Segundo van Dijk, as ideologias são construídas, utilizadas e alteradas por atores sociais como parte integrante de um grupo, em práticas sociais específicas e, frequentemente, discursivas. Dessa forma, não são construtores individuais, idealistas, mas sim, construtores sociais de um mesmo grupo.

Para este autor, não se pode desenvolver nenhuma teoria adequada do discurso ou da ideologia, sem examinar o papel do conhecimento socio-cultural e de outras

crenças partilhadas que oferecem a ‘base comum’ (*common ground*) de todo discurso e interação social (1999: 23).

4. Análise das peças noticiosas

As peças jornalísticas foram recolhidas e depois catalogadas numa base de dados⁴. Essas peças foram divididas em vários campos (título, data, página, secção, autor, fotografia, género jornalístico⁵) e agrupadas em categorias temáticas gerais (imigração em Portugal, emigração de portugueses e migração de não portugueses em outros países).

De seguida, propusemos analisar os títulos das peças noticiosas. Para as peças que tiveram chamadas de capa, efetuámos ainda uma comparação dos títulos destas peças com as suas respetivas chamadas de capa. Por último, refletimos sobre determinadas palavras-chave encontradas nos títulos das peças. Será sobre este último ponto que este artigo se debruçará.

A partir da identificação das peças que abordam as temáticas sobre os movimentos migratórios, como já foi referido, o *corpus* de análise ficou composto por um total de 322 peças. A temática dos movimentos migratórios surgiu no jornal *Público* ao longo do ano, havendo contudo, oscilações do volume das peças conforme o destaque que o jornal deu a certos acontecimentos. Esse facto é demonstrativo da importância e dimensão que o jornal deu a determinados temas que estavam na ordem do dia.

4.1. Os movimentos migratórios na ordem do dia

No início do ano 2004, falou-seo jornal *Público* abordou, consideravelmente, o tema da imigração em Portugal. A discussão sobre a Lei da Imigração e a repercussão que isso causou em Portugal, contribuíram para que a imigração estematizada da imigração tivessem lugar em 31 peças das 45 peças que existiram sobre os movimentos migratórios no mês de janeiro. Comparativamente ao volume total das peças sobre os movimentos migratórios publicadas por mês, a imigração continuou a ter destaque nos meses seguintes até meados do ano, mais especificamente até julho. Nesse mês, foram publicadas 29 peças, sendo 13 de imigração, 13 de migração e apenas 3 peças sobre emigração. Nota-se que nNesse mês houve uma alteração em relação ao predomínio de notícias acerca da imigração, havendo e um destaque para a migração. Até julho, explicação para esse sucedido com uma parcela de responsabilidade pela recorrência das peças sobre imigração prendeu-se com o facto de que em Portugal houve uma arrastada discussão sobre as redes de falsificação de documentos para a entrada de imigrantes.

⁴ A base de dados encontra-se disponível na versão integral do trabalho.

⁵ As definições para os géneros jornalísticos ou estilos jornalísticos do estudo foram definidas de acordo com conceitos adotados por Nuno Crato ([1983] 1992) e por Adriano Duarte Rodrigues, Eduarda Dionísia, Helena Neves (1981).

Ao longo do ano, dezembro foi o único mês em que as peças sobre emigração sobressaíram-se em número de peças, em relação às outras temáticas migratórias. Esse facto deveu-se ao *tsunami asiático*, uma catástrofe natural que ocorreu a 26 de dezembro de 2004, com epicentro na costa oeste de Sumatra, na Indonésia. O jornal deu destaque a Reportagens de páginas inteiras que faziam referência aos turistas e emigrantes portugueses que estavam naquele local lá na altura da tragédia.

Para além de dezembro, o tema da emigração esteve bastante presente nos meses de fevereiro, março e abril. Verificou-se que em relação ao género jornalístico, verificou-se que as Reportagens, que são peças jornalísticas com grande destaque num jornal e que detêm grande ocupando bastante espaço físico, foram exclusivamente dedicadas ao tema da emigração.

Relativamente às migrações, este tema esteve bastante presente em peças como as Breves e os *Filets*⁶. O jornal *Público* dedicou considerável espaço às peças noticiosas sobre as ‘discriminações’ e ‘intolerâncias’ aos migrantes que ocorreram em diferentes países da Europa. A discussão na Europa acerca da Lei de Imigração e o polémico episódio, já referido, da acusação de atitudes anti-semitas no alegado ‘ataque a uma francesa judia por magrebinos’ são alguns exemplos disso.

O destaque para as notícias sobre a migração manteve-se até novembro. Nos meses de agosto e outubro, houve um predomínio de notícias nos meses de agosto e outubro e falou-se muito de peças jornalísticas a abordar as tentativas de entrada ‘forçada’ em países da Europa por parte de migrantes.

4.2. Os movimentos migratórios e as questões laborais

Relativamente ao número total de peças sobre movimentos migratórios (322 peças) do jornal *Público*, apenas trinta por cento tratavam declaradamente da questão laboral. Os setenta por cento restantes não faziam referência explícita à questão laboral nos movimentos migratórios. Implicitamente muitas das peças que pertenciam aos setenta por cento referiam-se indiretamente às questões laborais ao abordar temas como o Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (SEF), a legalização dos imigrantes, assim como as instituições diversas, as associações, o Estado e as tentativas de entradas clandestinas em diversos países por parte dos migrantes. Contudo, a maioria destas peças não fazia referências explícitas aos trabalhadores migrantes ou às questões laborais.

É de referir que as peças que mais citaram as questões laborais foram sobre os emigrantes portugueses. Nestas recai a ênfase foi dada aos maus tratos que os trabalhadores portugueses emigrantes sofriam no estrangeiro e, às dificuldades de adaptação.

⁶ As Breves e os *Filets* são estilos jornalísticos utilizados para a construção de peças, geralmente, curtas e que contêm informações superficiais, genéricas e sem muitos detalhes. Recorrentemente, estes estilos jornalísticos são meras reproduções de informações enviadas por agências noticiosas.

4.3. As capas dos jornais

Ao longo do ano 2004, a temática dos movimentos migratórios esteve presente 21 vezes como destaque de capa do jornal *Público*. Em consonância com o que já foi mencionado, a maior parte das capas sobre as questões migratórias fez referência explícita à questão laboral. Surgiram, predominantemente, os temas não-laborais, com destaque para oito capas sobre imigração não-laboral (contrapondo as quatro capas sobre imigração laboral), cinco capas sobre migração não-laboral (contrapondo duas capas sobre migração laboral). Não houve destaque no que dizia respeito à emigração, sendo apenas uma capa sobre emigração laboral e uma sobre emigração não laboral.

4.4. Os usos das palavras nos títulos das peças noticiosas

Durante a análise do *corpus*, percebemos a presença de determinadas palavras nos títulos das peças que apareciam constantemente associadas às questões migratórias. Por esta razão resolvemos analisar o emprego (e conotação) que estas palavras tinham conforme o contexto em que surgiam. Com isso, procurámos ver se havia formas específicas de abordar a temática consoante o ator (imigrante, emigrante e migrante não português no estrangeiro) e o fluxo migratório ao qual o texto jornalístico se referia (emigração de portugueses, imigração em Portugal ou os movimentos migratórios de não portugueses noutras partes do mundo).

Identificámos nos títulos destes textos a recorrência de palavras derivadas dos verbos *explorar*, *atacar*, *expulsar*, *legalizar*, de adjetivos como *clandestinos*, *clandestinidade*, *ilegalidade*, *xenófobos*, *racista*, *vítima*, *maltratados*.

De seguida iremos proceder a exemplificação e análise de alguns desses títulos.

4.4.1. Os usos do verbo ‘explorar’ e a relação com os movimentos migratórios

Do volume total de peças (322 peças) foram encontrados seis títulos de peças com palavras derivados do verbo ‘explorar’. Esses títulos diziam respeito a emigração portuguesa laboral e estavam todos associados às situações vividas por estes trabalhadores portugueses no estrangeiro.

Como exemplo, três títulos que apresentaram os emigrantes (*portugueses explorados*) como agentes passivos:

- ‘Autoridades sabiam do caso de *portugueses explorados* em França’, 29 de janeiro de 2004, autoria de Ana Navarro Pedro
- ‘Emigrantes *portugueses explorados* na Holanda responderam a anúncios do centro de emprego’, 7 de fevereiro de 2004, autoria de Catarina Gomes

- ‘Condenação do GID no caso dos *Portugueses explorados*’, 11 de fevereiro de 2004, Nota da A.N.P., Paris

Um outro título merece ser destacado pois, ressaltou o carácter depreciativo do tratamento recebido pelos emigrantes portugueses (*maltratados*) no estrangeiro (na Escócia). Este título surgiu associado à questão laboral e apareceu na sequência das peças que abordavam a questão dos ‘ataques xenófobos sofridos pelos emigrantes’.

- ‘Emigrantes portugueses *maltratados* na Escócia’, 08 de novembro de 2004, Ricardo Dias Felner

4.4.2. Os usos do verbo ‘atacar’ e a relação com os movimentos migratórios

As palavras derivadas do verbo *atacar* apareceram em oito títulos e receberam diferentes conotações consoante o contexto em que surgiram. O termo esteve presente em cinco títulos sobre emigração laboral, um título sobre imigração laboral e dois títulos sobre migração não-laboral.

Os títulos das peças sobre Emigração (Laboral) foram:

- ‘Comunidade portuguesa *vítima de ataques xenófobos* na Irlanda do Norte’, 22 de agosto de 2004, autoria de Ricardo Dias Felner
- ‘Governo Irlandês condena *ataques a portugueses*’, 23 de agosto de 2004, Não Assinada
- ‘Emigrantes *sofrem ataques racistas* em *Portadown*’, 09 de novembro de 2004, Não Assinada
- ‘Portugueses na Irlanda do Norte não são *alvos específicos de ataques*’, 11 de novembro de 2004, Não Assinada
- ‘*Mais oito imigrantes portugueses atacados* na Irlanda do Norte’, 14 de dezembro de 2004, autoria de Ana Cristina Pereira

Os títulos das peças sobre Migração (Não-Laboral) foram:

- ‘Magrebinos *atacam* francesa por pensarem que era judia’, 12 de julho de 2004, autoria de Sandra Silva Costa
- ‘*Ataque anti-semita* gera onda de emoção em França’, 13 de julho de 2004, autoria de Ana Navarro Pedro

Desta forma, percebe-se claramente que as peças que tiveram a palavra ‘*ataque*’ ou ‘*atacados*’ no título foram maioritariamente aquelas que abordaram a temática da emigração (laboral). Nessas peças sobre a emigração, o termo ‘*ataque*’ estava sempre associado a uma ação contra os emigrantes portugueses. Sendo ainda ressaltada, mais uma vez, a posição de ‘vítimas’ em que os portugueses se encontravam e o carácter ‘racista’ do ataque. Esses títulos enfatizaram ainda o carácter ‘xenófobo’ das ações sofridas pelos portugueses.

Num dos títulos citados, é afirmado que os emigrantes portugueses estavam a ser alvos de *ataques racistas*, enquanto, no título seguinte, é dito que afinal ‘*os portugueses não eram o alvo específico daqueles ataques*’. Contudo, pouco mais de um mês depois, como se pode verificar, o jornal volta a referir-se aos emigrantes portugueses como tendo sido novamente alvo de ataques.

Contrariamente ao que sucedeu nos títulos sobre os emigrantes, os dois títulos sobre as migrações que utilizaram a palavra ‘ataque’ referiam-se a ações cometidas pelo estrangeiro. Nesses títulos, o migrante era identificado como um ‘Outro’, um *outsider*, um não-nacional, que cometia aquele ato repreensível (*‘Magrebinos atacaram francesa por pensarem que era judia’*; *‘Ataque anti-semita gera onda de emoção em França’*).

4.4.3. Os usos da palavra ‘clandestino’ e a relação com os movimentos migratórios

Nos títulos das peças sobre imigrantes em Portugal não aparecem as palavras derivadas de *clandestino*. Contudo, surgem nos títulos que referiam-se aos migrantes (*clandestinos*, *clandestinidade* e derivados). Estas palavras estão imbuídas de um significado próprio que está diretamente associado a uma ‘depreciação’ da migração.

Os títulos das peças sobre Migração (Não-Laboral) foram:

- ‘Mais de uma centena de *clandestinos* desembarcam na Sicília’, 22 de agosto de 2004, Não Assinada
- ‘Berlusconi encontra-se com Kadhafi para acabar com a *imigração clandestina*’, 25 de agosto de 2004, Não Assinada
- ‘Itália fez ontem uma pausa na *expulsão* imediata e em massa de *clandestinos*’, 06 de outubro de 2004, Não Assinada
- ‘*Clandestinos* detidos nas Canárias’, 20 de outubro de 2004, Não Assinada
- ‘A imigração – Polícia espanhola intercepta embarcação com 33 *clandestinos*’, 27 de dezembro de 2004, Não Assinada

⁸ Livro de Estilo defende que as suas peças (com exceção das Breves) devem ser assinadas, no entanto, houve muitos outros géneros jornalísticos que tiveram peças não assinadas.

A presença do termo ‘*clandestinidade*’ nos títulos é predominantemente associada às migrações não-laborais (em cinco peças). Nestes títulos é recorrente a associação destes migrantes a números, a algo sem nome, sem rosto, sem identidade. As peças são geralmente curtas (Breves e *Filets*) e sem assinatura⁷.

Os títulos das peças sobre Emigração (Laboral) foram:

- ‘Negativo – *Clandestinos* ‘espanhóis e irlandeses’’, 20 de dezembro de 2004, Ana Cristina Pereira

Destacamos que este título anuncia algo diferente do apresentado no conteúdo da peça. Ou seja, o título da peça ‘*Negativo – Clandestinos* ‘espanhóis e irlandeses’ parece referir-se à clandestinidade dos espanhóis e irlandeses, mas, ao contrário do que o título apresenta, o *lead* e o conteúdo da peça mostram que, na verdade, a situação ‘de clandestinidade’ está associada a alguns pescadores portugueses.

Como revela o interior da peça, esses portugueses permanecem em Espanha e na Irlanda sem contratos, proteção social ou seguro. Desta forma, o título ‘induz’ a uma interpretação incorreta do que se está de facto a dizer, ou seja, para aquele leitor que só fez a leitura do título da peça não será possível perceber o que está realmente a ser dito no interior da peça.

Na verdade, de acordo com a situação narrada na peça, o que pode ser associado aos ‘espanhóis e aos irlandeses’ não é a condição de *clandestinidade*, mas sim, a infração cometida, por estes, pelo não-cumprimento das regras definidas pela legislação laboral (como contrato de trabalho, segurança social, seguro, etc.).

Já no *lead* há a afirmação da existência de “[b]urlas, escassa alimentação, poucas condições de habitabilidade e horários excessivos” que colocam o emigrante português numa situação de vitimização que foi reforçada ao longo do texto e sendo, inclusive, referidas situações de *xenofobia* para com estes emigrantes.

A única peça com o tema da emigração (laboral) que utiliza a palavra ‘*clandestinidade*’ no seu título não faz referência aos ‘emigrantes’ portugueses (‘*Negativo – Clandestinos* ‘espanhóis e irlandeses’’).

4.4.4. Os usos da palavra ‘racismo’ e a relação com os movimentos migratórios

Foram encontrados três títulos que utilizam o termo *racista* e suas derivações, são eles:

- ‘Vaz Pinto contra *discurso racista*’, 03 de março de 2004, Não Assinada

⁷ Livro de Estilo defende que as suas peças (com exceção das Breves) devem ser assinadas, no entanto, houve muitos outros géneros jornalísticos que tiveram peças não assinadas pertencentes a variados géneros jornalísticos.

- ‘ONU aponta ações racistas em Portugal mas saúda apoio a imigrantes’, 24 de agosto de 2004’, Não Assinada
- ‘Emigrantes sofrem ataques racistas em Portadown’, 09 de novembro de 2004, Não Assinada

O primeiro título, que trata das imigrações em Portugal, enfatiza as boas ações de ‘Nós’ ao posicionar-se contra o racismo. Não sendo, neste título, explícito a qual racismo a peça se refere.

O segundo título, um claro exemplo do que é habitual fazer em peças noticiosas, ou seja, mostrar, ‘assumir’ um ponto fraco do ‘Nós’, (*ONU aponta ações racistas*) e, em contrapartida, ‘destacar’, ‘valorizar’ o ‘nosso’ lado bom (*mas saúda apoio a imigrantes*).

A construção estrutural desta frase é algo que van Dijk reconhece nos discursos das elites e dos dominantes. O autor denomina esse ato como um *disclaimers* (*desmentidos*). O que significa que há uma combinação da imagem (positiva *versus* x negativa) de quem se fala, de forma a parecer sobressair um dos aspetos (geralmente os positivos). Neste caso, foi uma forma de suavizar a componente negativa presente no ‘nós’ (Portugal tinha um comportamento *racista* que foi destacado pela ONU mas em compensação *apoiava os imigrantes*).

O último título, já referido anteriormente por utilizar a palavra ‘ataque’, surge uma vez mais por destacar a ação ‘racista’ sofrida pelos emigrantes portugueses no estrangeiro. Aqui, o termo ‘*racistas*’ é utilizado para ‘caracterizar’ os ataques aos portugueses. Nesse título, o que se pretende explicitar é que os emigrantes portugueses foram ‘atacados’, e quem o fez era ‘racista’, ou seja, é dada ênfase à ‘gravidade’ da situação de vitimização dos emigrantes portugueses.

Como noutros exemplos, estas três peças não foram assinadas. Somente a primeira peça (‘Vaz Pinto contra *discurso racista*’) era uma Breve, legitimando assim o facto de a peça não ser assinada (as Breves normalmente não são). Contudo, indagamo-nos acerca das razões pelas quais esse assunto ter ganho tão escasso realce ficando restrito a uma Breve.

Contudo, as duas últimas peças compõem o estilo jornalístico ‘Notícia’, o que torna incompreensível que não tenham sido assinadas por algum jornalista (por definição as Notícias são peças assinadas).

4.4.5. Os usos do verbo ‘expulsar’ e a relação com os movimentos migratórios

Destacamos abaixo os seis títulos que contêm palavras derivadas do verbo *expulsar*. Dois títulos são de peças que falam sobre a Imigração Não-laboral em Portugal e os quatro títulos são de peças que falam da Migração Não-laboral. Não houve peças sobre emigração com estas palavras no título.

Os títulos das peças sobre Imigração (Não-Laboral) foram:

- ‘Estrangeiros encontrados em contentor serão *expulsos*’, 18 de junho de 2004, de autoria de Ana Cristina Pereira;
- ‘SEF *expulsou 80 estrangeiros*’, 08 de julho de 2004, Não Assinada.

Os títulos das peças sobre Migração (Não-Laboral) foram:

- ‘Holanda prepara-se para *expulsar 26 mil refugiados*’, 18 de fevereiro de 2004, Não Assinada
- ‘A decisão – Delinquentes imigrantes vão deixar de ser *expulsos* de Espanha’, 03 de agosto de 2004, Não Assinada
- ‘Itália usa voos ‘charter’ para *expulsar imigrantes em massa*’, 05 de outubro de 2004, de autoria de Ricardo Dias Felner
- ‘Itália fez ontem uma pausa na *expulsão imediata e em massa de clandestinos*’, 06 de outubro de 2004, Não Assinada

No que se refere aos títulos acima apontados destacamos que surgiu novamente a referência aos *estrangeiros* como aquele sem nome, sem identidade, sem nacionalidade. Foram associados a esses estrangeiros números (*80 estrangeiros* – referente aos imigrantes em Portugal *expulsos* pelo SEF⁸) e *26 mil refugiados* (migrantes na Holanda); noção de volume (*imigrantes em massa, expulsão imediata e em massa de clandestinos*).

Alguns dos títulos que utilizaram as palavras com derivações do ‘*expulsar*’ não estavam associados a Portugal, nem aos portugueses. Um título referia-se à Espanha, outro à Holanda e os outros dois à Itália. O título que se refere à Holanda também anunciou e destacou a ação de ‘*expulsar os refugiados*’ que ainda iria acontecer (*prepara-se para expulsar*) e a seguir apresentou o número significativo (*‘26 mil’*) de pessoas que seriam expulsas. Nesse exemplo, o sujeito ativo é um país (*‘Holanda’*), no exemplo anterior era uma instituição (*‘SEF’*) e ambos sugerem atitudes impessoais.

A peça a seguir abordou a questão por outra perspectiva e destacou o facto dos ‘*delinquentes imigrantes*’ deixarem de ser expulsos’, ou seja, neste caso, os ‘imi-

⁸ No *site* do Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (SEF), explica que “é um serviço de segurança, organizado hierarquicamente na dependência do Ministro da Administração Interna, com autonomia administrativa e que, no quadro da política de segurança interna, tem por objectivos fundamentais controlar a circulação de pessoas nas fronteiras, a permanência e actividades de estrangeiros em território nacional, bem como estudar, promover, coordenar e executar as medidas e acções relacionadas com aquelas actividades e com os movimentos migratórios. Enquanto órgão de polícia criminal, o SEF actua no processo, nos termos da lei processual penal, sob a direcção e em dependência funcional da autoridade judiciária competente, realizando as acções determinadas e os actos delegados pela referida autoridade. (<http://www.sef.pt>, consultado em setembro de 2011).

grantes' foram os sujeitos (eles é que deixarão de ser expulsos). Mais uma vez um adjetivo com conotação pejorativo (*delinquentes*) é associado aos imigrantes.

Os dois títulos a seguir referiram-se a ação realizada pela *Itália*. O primeiro título anunciou a expulsão *em massa* de imigrantes, através de voos *'charter'*. A utilização da palavra *'massa'* associada aos imigrantes e o destaque para o uso dos voos *'charter'*, enfatizaram o grande 'volume' de imigrantes naquele território. O destaque foi dado à 'eficácia' da ação de fretar voos *'charter'* para a expulsão um elevado e indeterminado volume (*massa*) de migrantes.

O título seguinte, que surge no dia seguinte ao anterior e reforçando a mensagem daquele título, utiliza novamente o uso do 'volume' e da 'dimensão' para explicar uma 'migração não-desejada'. Recorrer ao termo *'massa'*, apesar do título anunciar que haverá 'pausa' nesta ação italiana, enfatizou-se uma suposta 'justificativa' da atitude de expulsão dos *'clandestinos'*. Aquele que não acompanhou o desenvolver da história e apenas tiver acesso ao título da notícia, não verificando a peça completa, fica sem compreender o sucedido. O título pode induzir em erro, destacando unicamente a questão da clandestinidade. Além disso, foi dito que a Itália fez uma *'pausa'*, ou seja, uma 'trégua'. A questão surge como sendo algo conflituoso, sendo a Itália a 'controlar' e 'resolver' a situação.

4.4.6. Os usos da palavra 'ilegal' e a relação com os movimentos migratórios

Relativamente aos títulos que utilizam os derivados da palavra *ilegal*, identificámos dezanove peças. Em quatro peças que utilizam especificamente a palavra *ilegal*, duas delas abordam a Migração não (diretamente) associada às questões laborais, uma é sobre a Imigração Laboral e outra sobre a Emigração Laboral.

Dos dois títulos sobre a migração não diretamente associada ao trabalho, o primeiro: *'Terrorismo ou imigração ilegal seriam o destino de passaportes roubados'* (10 de janeiro de 2004, autoria de José Bento Amaro), coloca a imigração ilegal e o terrorismo no mesmo patamar, ao dizer que o destino dos *'passaportes roubados'* seria para um dos dois. O segundo: *'Candidatos a asilo recorrem a redes de imigração ilegal'* (25 de novembro de 2004, Bárbara Wong), equipara os 'candidatos ao asilo' com a 'imigração ilegal'.

O título da peça sobre Imigração Laboral afirma que um terço dos imigrantes brasileiros pode estar ilegal. Esta afirmação baseia-se em entrevistas realizadas a 400 brasileiros residentes em dois distritos de Portugal (Lisboa e Setúbal). Um dos resultados deste estudo foi o de perceber que 36 por cento dos entrevistados estavam *'indocumentados'* e os restantes tinham autorização de permanência. A proposta do estudo, segundo o interior da peça, era *traçar o perfil da segunda vaga de imigração brasileira em Portugal*. Contudo, entre as várias informações publicadas na peça, o

título somente destacou a possibilidade de haver uma alta percentagem de imigrantes brasileiros ‘ilegais’. De tantos resultados apontados nesse estudo, foi apenas enfatizada a questão da ilegalidade dos imigrantes. Contudo esta informação destacada no título nem sequer ganha relevância no interior da peça, sendo apenas referenciada. Outro aspeto a destacar é o facto de a peça não ser assinada.

Os títulos das peças sobre Imigração (Laboral) foram:

- ‘Um terço dos imigrantes brasileiros estará ilegal’, 01 de abril de 2004, Agência Lusa.

A única peça que fala da Emigração utiliza a palavra ‘*ilegal*’⁹ para destacar a ilegalidade da mão-de-obra, ou seja, não se refere a uma pessoa, mas a uma atividade. Mais uma vez ficamos com a impressão que os temas sobre Emigração são sempre ‘suavizados’. O título mostra que a polícia (sujeito) teve uma ação de sucesso (desmantela rede de exploração). Mas a ilegalidade não é associada aos funcionários, como ocorre frequentemente ao retratar os imigrantes e os migrantes, mas sim, neste caso é associada à função exercida.

Os títulos das peças sobre Emigração (Laboral) foram:

- ‘Polícia britânica desmantela rede de *exploração de mão-de-obra ilegal*’, 26 de março de 2004, autoria de Rita Jordão Silva.

Dos treze títulos que têm a palavra ‘*ilegais*’, um título é de uma peça sobre Emigração Laboral, cinco são sobre Imigração Laboral, três são sobre Imigração não especificamente laboral e quatro sobre Migração também não especificamente laboral.

O único título de peça sobre a Emigração Laboral que utiliza a palavra ‘*ilegais*’ curiosamente refere-se aos ‘contratos ilegais assinados pelos emigrantes’ e não, por exemplo, aos trabalhadores como acontece recorrentemente quando o jornal se refere aos imigrantes.

O título da peça sobre Emigração (Laboral) foi:

- ‘Portugueses assinam *contratos ilegais* para trabalhar na Holanda’, 22 de abril de 2004, autoria de Liliana Carvalho.

O título da peça sobre Imigração (Laboral) foi:

- ‘SEF fiscaliza 16 empresas com *estrangeiros ilegais*’, 21 de janeiro de 2004, Não Assinada.

⁹ Este título já foi referido anteriormente porque contém no título a palavra ‘exploração’.

Assim, podemos aferir que nos títulos sobre Imigração Laboral há predominantemente uma associação do termo ‘ilegais’ aos ‘imigrantes em Portugal’ como foi constatado no segundo título e nos seguintes títulos destacados.

- ‘*Chineses ilegais detidos no Porto Alto*’, 22 de janeiro de 2004, Não Assinada
- ‘*Perto de 10 mil brasileiros registados em Portugal poderão ficar ilegais*’, 06 de maio de 2004, Lusa/Público
- “‘Boîte’ de Lisboa condenadas por ter “*alternadeiras*” ilegais’, 21 de julho de 2004, autoria de José Bento Amaro
- ‘*Desemprego e contratação de ilegais podem explicar falhas das quotas*’, 29 de setembro de 2004, autoria de Ricardo Dias Felner

Atenção para este último título que tenta justificar as ‘*falhas das quotas*’ alegando que o ‘*desemprego e a contratação de ilegais*’ podem ser os causadores do problema. A questão das ‘*falhas das quotas*’ é um tema complexo que foi apresentado no título de forma simplificada, superficial e pouco elucidativa.

Como podemos verificar nos títulos abaixo sobre imigração e migração não-laborais, há uma frequente associação de ilegalidade aos migrantes não-portugueses. Mais uma vez, percebemos que esses imigrantes e migrantes são identificados e apresentados através de referências numéricas¹⁰ (‘*três árabes ilegais*’, ‘*centenas de ilegais*’, ‘*152 ilegais*’).

Os títulos das peças sobre Imigração (Não-Laboral) foram:

- ‘*Governo quer registar filhos de imigrantes ilegais*’, 07 de fevereiro de 2004, autoria de Amílcar Correia e Ana Cristina Pereira
- ‘*Ilegais com filhos nascidos até Março de 2003 podem legalizar-se*’, 12 de março de 2004, Agência Lusa
- ‘*Três árabes ilegais a monte*’, 03 de abril de 2004, autoria de Aníbal Rodrigues.

Os títulos das peças sobre Migração (Não-Laboral) foram:

- ‘*O êxodo – Centenas de ilegais desembarcam em Lampedusa*’, 03 de agosto de 2004, Não Assinada

¹⁰ Van Dijk (2006) refere que a utilização de números associados aos temas da imigração serve como uma aparente fonte de legitimação, dando credibilidade à peça jornalística. No entanto, esta é sempre aparente e ilusória porque não são apresentados números rigorosos, nem são contrapostos com números da parte contrária.

- ‘Holanda abre primeiro centro de acolhimento para *estrangeiros ilegais*’, 04 de agosto de 2004, autoria de Ricardo Dias Felner
- ‘Governo americano obriga hospitais a identificar *ilegais*’, 11 de agosto de 2004, Não Assinada
- ‘Polícia turca *detém 152 ilegais*’, 06 de outubro de 2004, Não Assinada.

A peça sobre migração que tem o termo ‘*ilegalidades*’ no título utiliza essa palavra para apresentar uma ação incorreta realizada pela ministra britânica da Imigração. Ou seja, neste caso, a ilegalidade não está associada à imigração.

Os títulos das peças sobre Migração (Não-Laboral) foram:

- ‘*Ilegalidades* afastam ministra britânica da Imigração’, 02 de abril de 2004, autoria de Rita Jordão Silva

No título da peça, a palavra ‘*ilegalmente*’ serve para enfatizar o aspeto ilegal dos imigrantes brasileiros que morreram ao tentar entrar ‘*ilegalmente*’ nos EUA.

Os títulos das peças sobre Migração (Não-Laboral) foram:

- ‘*Imigrantes brasileiros* morrem ao entrar *ilegalmente* nos EUA’, 13 de julho de 2004, autoria de Paulo Eduardo de Vasconcellos

5. Resultados gerais da análise

Conforme dissemos anteriormente, a construção dos títulos foi um dos itens que analisamos nas peças sobre movimentos migratórios. As palavras recorrentes nos títulos, juntamente com outros fatores, revelaram alguns padrões apresentados no jornal Público no ano 2004.

O resultado da análise confirmou e demonstrou que o jornal *Público* apresentava formas diferenciadas de tratar os temas dos movimentos migratórios consoante fosse a variante do fluxo migratório e dos atores envolvidos: emigração de portugueses, imigração para Portugal ou migração de outros não portugueses a outros países que não Portugal.

Identificámos uma cobertura mediática tendencialmente polarizada no ‘Nós e nos ‘Outros’. Reconheceu-se discursos recorrentes que detinham determinadas características específicas e predominantes. Esses discursos mantiveram-se focados ora no ‘Nós’ ora nos ‘Outros’. Quando o jornal se referia ao emigrante português identificava-o como sendo o ‘Nós’. Quando o jornal abordava os discursos sobre os ‘Outros’, esses ‘Outros’ desdobravam-se em duas figuras distintas: o imigrante em Portugal ou o migrante não português e doutras partes do mundo.

De forma global, o que se destaca ao relacionar as questões laborais com os movimentos migratórios noticiadas pelo jornal *Público* é que para este jornal o fator laboral teve uma importância fundamental no retrato feito sobre os fluxos migratórios (quer fosse ou não Portugal o país de destino) no jornal *Público*. As questões laborais praticamente foram indissociáveis da narrativa sobre os movimentos migratórios e estiveram, no geral, sempre presentes nas peças, de forma direta/explicita ou indireta/implícita. Sendo importante ressaltar que as questões laborais surgiram de forma bastante explícita nas peças sobre as emigrações dos portugueses.

Resumidamente, concluímos que o jornal *Público*, em 2004, proferiu um discurso mais protetor ao abordar a emigração portuguesa como uma representação ‘vitimizada’ do ‘Nós’ lá fora. Sobressaíram-se as grandes Reportagens repletas de fotos e de história de vida de portugueses sofridos, explorados e ‘atacados’ pelos outros no estrangeiro. Estas pessoas possuíam identidade, nome, rosto, tinham família, raízes e, tudo isto era mostrado (principalmente nas grandes Reportagens) no jornal.

No que se relatou sobre o imigrante em Portugal, o jornal apresentou um discurso mais cuidadoso. Recorrentemente, o jornal identificou este imigrante como sendo os ‘Outros’ cá dentro. O jornal se esforçou para parecer isento na abordagem do tema mas não insensível aos imigrantes. Como se a todo momento o jornal estivesse a dizer aos imigrantes: “nós desejamos que ‘sejam bem-vindos’ ao nosso país, até reconhecemos e mostramos o quanto precisamos de vocês em certos postos laborais, para a Europa não envelhecer”; “sabemos e acreditamos que vocês não sobrecarregam a nossa Segurança Social, vocês não tiram os nossos postos de trabalho”. Ainda assim, com a construção de discurso ‘politicamente correto’, o que transpareceu foi uma postura sem grandes afetos mas condescendente. O jornal *Público* proferiu um discurso tendencialmente neutral quando abordou a situação dos imigrantes.

Contudo, ao retratar os movimentos migratórios mundiais que não passavam por Portugal e não incluíam os portugueses, o jornal teve um discurso direto e frontal, com informações superficiais e generalistas sobre os tais migrantes. Estes migrantes não eram nem portugueses e nem estavam em Portugal, encontravam-se ‘longe da vista’ dos que publicavam as notícias sobre eles e de quem as lia. Estes migrantes foram frequentemente associados a números (33 *clandestinos*), a volume (*entrada em massa, invasão*), recorrentemente não tinham nome, ou identidade, nem história de vida, não possuíam rostos. Estes migrantes foram tratados como sendo os ‘Outros’ lá fora.

6. Considerações Finais

O estudo aqui apresentado deteve-se no reconhecimento e análise dos discursos sobre as questões migratórias de um período delimitado de tempo (o ano de 2004) de um meio de comunicação social específico (jornal *Público*), mas não consideramos que as observações aqui expostas sejam restritas a esse jornal ou sejam atemporais. A

nosso ver, tivemos a oportunidade de analisar um jornal impresso português que nos permitiu perceber como aquele determinado jornal retratou os movimentos migratórios de um país que é reconhecidamente de emigração e de imigração numa altura que esses temas estavam constantemente na ordem do dia. A presença dos dois movimentos – emigração e imigração – no país reforçou a relevância de se perceber como discursos mediáticos de referência (detentor de *status* e credibilidade) retratavam as questões migratórias diretamente associadas a Portugal (imigração e emigração) assim como as não associadas a Portugal e externas a esse país (migrações externas).

Sendo o nosso estudo apenas um módico exercício de reflexão, restam-nos ainda muitas questões em aberto. Será que existem especificidades nos restantes discursos mediáticos portugueses sobre os diferentes movimentos migratórios para além das que identificámos no jornal *Público*? Como é que os discursos são construídos pelos outros jornais de referência portugueses? E pelos tabloides portugueses? Sabemos que os fluxos migratórios são dinâmicos e que alteram-se em conformidade com modificações sociais, económicas e políticas. Segundo Almeida (2011: 138) os fenómenos migratórios respondem a processos estruturais, mas, principalmente a diferença entre as políticas e economias de origem e destino daquele que migra. Estamos cientes de que a atual crise económica portuguesa está a afetar e a modificar os fluxos migratórios de e para Portugal e que o tema dos movimentos migratórios tem estado na ordem do dia (com destaque para as polémicas associadas ao incentivo às emigrações, proferidas nomeadamente Secretário de Estado da Juventude, Alexandre Miguel Mestre e pelo Primeiro-ministro de Portugal, Pedro Passos Coelho). Por tudo isso, indagamo-nos sobre a possibilidade de os discursos mediáticos portugueses sobre os movimentos migratórios estarem igualmente a passar por alterações. Os discursos mediáticos sobre as questões migratórias proferidos pelo jornal *Público* estarão a mudar? E os restantes meios de comunicação social? Quais seriam essas transformações?

Referências bibliográficas

- Almeida, M. G. (2011) 'Territorialidades em territórios mundializados – os imigrantes brasileiros em Barcelona-Espanha'. in Oliveira, V., Leandro, E. & Amaral, J. J. O. do (orgs.) *Migração: múltiplos olhares*. São Carlos: Pedro & João Editores, pp. 135-155.
- Baganha, M. I. & Góis, P. (1999) 'Migrações internacionais de e para Portugal: o que sabemos e para onde vamos?'. *Revista Crítica de Ciências Sociais*. (52/53), pp. 229-280.
- Cabecinhas, R. (2002) 'Media, etnocentrismo e estereótipos sociais'. *As Ciências Comunicação na viragem do Século*. Actas de I Congresso de Ciências da Comunicação. Lisboa: Veja, pp. 407-418.
- Cádima, F. R. & Figueiredo, A. (2003) *Representações (Imagens) dos Imigrantes e das Minorias Éticas nos Media*. Lisboa: ACIME.
- Crato, N. ([1983]1992) *Comunicação Social – A Imprensa*. Lisboa: Editorial Presença.
- Ferin Cunha, I.; Policarpo, V.; Monteiro, T. L. & Figueiras, R. (2002) 'Media e Discriminação: um estudo exploratório do caso português'. *Observatório*. (5): 27-38.
- Ferin Cunha, I. (2003) 'Nós e os outros nos artigos de opinião da imprensa portuguesa'. <http://www.bocc.ubi.pt/pag/cunha-isabel-ferin-nos-outros-opiniao.pdf>

- Ferin Cunha, I; Santos, C. A.; Silveirinha, M. J.; Peixoto, A. T. (2004) *Media, Imigração e Minorias Étnicas*. Lisboa: ACIME.
- Ferin Cunha, I. & Santos, C. A. (2006) *Media, Imigração e Minorias Étnicas II*, Lisboa: ACIME.
- Lima, M. E. O. & Vala, J. (2004) 'As novas formas de expressão do preconceito e do racismo'. *Estudos de Psicologia*, volume 9, nº 3. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, Brasil, pp. 401-411.
- Oliveira, F. (2007) *As Migrações Externas e as Questões Laborais no Discurso do Jornal Público: uma análise crítica*. Universidade do Minho: Braga (Tese de mestrado).
- Pedro, E. R. (1997) *Análise Crítica do Discurso*. Lisboa: Caminho
- Pinto-Coelho, M. Z. (2004) 'Análise do Conteúdo versus Análise Crítica do Discurso: algumas semelhanças e diferenças'. http://old.comunicacao.uminho.pt/doc/zara/link_4.pdf (consultado e retirado do site em 2005)
- Público ([1997]2005) *Livro de Estilo do Público*. Público: Lisboa.
- Rodrigues, A. D.; Dionísio, E & Neves, Helena G. (orgs.) (1981) *Comunicação Social e Jornalismo – Os Media Escritos*. Lisboa: Regra do Jogo.
- Vala, J. (org.) (1999) *Novos Racismos: Perspectivas Comparativas*. Oeiras: Celta.
- Vala, J., Brito. R. & Lopes, D. (1999) *Expressões dos Racismos em Portugal*. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais.
- van Dijk, T. (1988a) *News Analysis. Case Studies of international and national news in the press*. New Jersey: Hillsdale.
- van Dijk, T. (1988b) 'How "They" Hit the Headlines: Ethnic Minorities in the Press'. in Smitherman-Donalson, G. & van Dijk, T. *Discourse and Discrimination*. Detroit: Wayne State University Press.
- van Dijk, T. (1990) *La noticia como discurso – Comprensión, estructura y producción de la Información*. Barcelona: Paidós.
- van Dijk, T. (1997) *Racismo y análisis crítico de los medios*. Barcelona: Paidós.
- van Dijk, T. (1999) *Ideologia – Una aproximación multidisciplinaria*. Barcelona/Buenos Aires: Gedisa.
- van Dijk, T. (2005) *Discurso, Notícia e Ideologia. Estudos na Análise Crítica do Discurso*. Porto: Campos das Letras.
- van Dijk, T. (2006) 'Racism and the Press in Spain'. <http://www.discourses.org/UnpublishedArticles/Racism%20and%20the%20press%20in%20Spain.htm>
- Wodak, R. & Meyer, M. (2003) *Métodos de análisis crítico del discurso*. Barcelona: Gedisa
- Wodak, R. (2004) 'Do que trata a ACD – Um resumo de sua história, conceitos importantes e seus desenvolvimentos'. <http://www3.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/0403/10.htm>